

AS GUERRAS

UMA TENTATIVA DE ESQUEMATIZAÇÃO

(Da Revista de Artilharia de Portugal)

Capitão de Artilharia

JOSÉ ALBERTO LOUREIRO DOS SANTOS

"A guerra permite a uma Nação resolver muitos problemas julgados insolúveis em tempo de paz, visto que então um sentimento vigoroso, que não é mais que o instinto vital ameaçado, obriga a reunir tôdas as forças numa única ação e a pôr de parte preferências individuais e obstáculos que se opunham ao interesse geral."

DANIEL ROPS

São múltiplos os nomes por que são conhecidas as guerra.

Quando se diz que as nações A e B estão empenhadas numa guerra "econômica", ou que na região X deflagrou mais uma guerra "subversiva", ou ainda quando alguns chamam a um conflito "colonial" e outros designam a mesma luta como "revolucionária", surgem confusões no espirito, confusões que levam, frequentemente, à errada compreensão da realidade.

Não pretendemos, com este simples estudo, resolver o problema ou pôr fim a dúvidas. Simplesmente desejamos, com o trabalho de pesquisa que efetuamos, chamar para o assunto a atenção das pessoas cujos conhecimentos nesta matéria são profundos.

A esquematização das guerras quanto à sua designação é uma matéria que a todos os homens do nosso tempo interessa, mas este interesse assume particular acuidade para os militares, como é óbvio.

Estamos certos de que a sua análise cuidada e completa ainda há-de ser feita. Quanto a nós, limitamo-nos a focar os aspectos mais salientes, passando por alto os que julgamos de menos interesse, como modesto contributo para esse pertinente problema, cuja análise, a nosso ver, se impõe.

I. A GUERRA COMO INSTITUIÇÃO DO HOMEM

A guerra sempre se fêz.

Segundo parece, a primeira grande guerra de que há notícia é a conquista da Suméria por Sargão de Acad e teve lugar por volta do ano 2750 a.C. Certamente que outras guerras se disputaram anteriormente, desde que o homem abandonou a sociedade tipo "cuellette" e se transformou em agricultor e pastor.

Os povos de pastores tiveram necessidade de lutar quer entre si, quer procurando furtar aos povos agricultores os produtos das suas colheitas. Assim, enquanto que o

chefe nos povos primitivos sedentários era normalmente o feiticeiro, o que dominava o espírito da terra, o que previa quando chovia ou fazia sol, o chefe nos povos primitivos nômades era sempre o chefe de guerra, o "leader" capaz de comandar o grupo nas inúmeras incursões a que as suas necessidades vitais conduziã.

A guerra é pois uma instituição do homem, do homem tal como atualmente o concebemos. É certamente uma fraqueza sua, mas até agora, não só o caracteriza, como é sua exclusiva pertença. Realmente, a única espécie animal que "faz" a guerra no sentido "jurídico" do termo é a espécie humana e apenas se tem conhecimento de que algumas variedades de formigas — *F. rufescens* e *F. sangüinea* — praticam incursões belicosas do tipo das guerras que se desenvolvem entre os povos primitivos: com a finalidade de devorar o inimigo, apoderar-se das suas provisões, ou ainda fazer escravos.

No prefácio que o historiador Arnold Toynbee escreveu para a seleção de textos da sua autoria organizada por Albert V. Fowler e reunidos sob o título "A guerra e a civilização", afirma-se logo de início:

"... se bem que, infelizmente, seja impossível estudar a história da humanidade desde a aparição, há cinco ou seis mil anos, de sociedades da espécie conhecida pelo nome de civilizações, sem constatar que a guerra é uma instituição que nunca anda longe do centro deste trágico assunto."

Se considerarmos como fenômenos sociais estáveis aquêles que se encontram em tôdas as formas de sociedade, parece não haver dúvidas de que a guerra se encontra dentro desta categoria. Temos pois que a guerra — até agora — tem sido um "fenômeno social estável". Daqui a necessidade de nos debruçarmos sobre as guerras, observando-as pormenorizadamente, não unicamente pelo prisma militar puro — os conflitos em si — mas ainda nas suas origens profundas.

Esta instituição social, quer queiramos quer não, desenvolve-se ciclicamente através das idades: aparece-nos na Assíria antiga e na Índia, na Roma do Direito e na Grécia da Arte, na Europa da Idade Média e na Europa industrial.

Só com as mãos, ou com bombas atômicas o homem tem sempre lutado...

E de tal forma o homem se tem organizado para praticar a guerra, que autores há que consideram insuficiente a divisão da população ativa nos três setores já tradicionais: Primário — o das atividades agrícolas — Secundário — o das atividades industriais —, e Terciário — o dos serviços —. Impõe-se, de há muito, a consideração de um outro setor — o setor Quaternário — que englobará a parte da população que, numa sociedade, se dedica à preparação e execução das atividades bélicas.

Se há ou não atividades bélicas, esclarece-o a enumeração das guerras ocorridas depois da guerra de 39-45:

- Guerra da Indonésia com a Holanda
- Guerra civil da China
- Guerra da Malásia
- Guerra da Grécia
- Guerra da Cachemira
- Guerra da Coréia
- Guerra da Indochina
- Guerra de Israel
- Guerra do Sinai
- Guerra do Suez
- Guerra civil de Cuba
- Guerra do Quênia
- Guerra do Tibete
- Guerra da Argélia
- Guerra portuguesa no Ultramar
- Guerra do Vietnam
- Guerra do Iémen
- Guerra de Espanha

não contando os surtos revolucionários que, junto delas, são quase arrufos familiares.

Se os homens se empenham ou não nas guerras, indica-o uma página estatística arrancada a um livro demo-econômico, onde se apresentam as despesas com o armamento de alguns países em 1961 e 1962, comparadas com o respectivo rendimento nacional:

<i>País</i>	<i>Despesa em bilhões de dólares</i>	<i>Porcentagem sobre o rendimento nacional</i>
U.S.A.	51,1	11,5
Inglaterra	4,5	8
França	3,6	7,7
Alemanha	3	4,9
Canadá	1,6	5
Itália	1	3,6
U.R.S.S.	41	18
China	2,5	—

2. O HOMEM CIVILIZA-SE — AUMENTA A LETALIDADE

O modo como os povos se organizam para as disputas guerreiras é bem o reflexo do seu índice de organização e progresso técnico.

Sem ser militarista, Toynbee afirmou que "a guerra talvez seja filha da civilização, visto que a possibilidade de empreender uma guerra pressupõe um mínimo de técnica e organização, bem como um excedente de riquezas além do estritamente necessário à subsistência".

De fato, assim é: medindo, se bem que de modo grosseiro, a eficácia das guerras pelas baixas que provocam, fácil é verificar que, à medida que o homem se vai "civilizando", os conflitos vão sendo cada vez mais mortíferos, dado que a mortandade diária média tem subido assustadoramente.

E tal como o desenvolvimento técnico da sociedade humana sofreu um solavanco nas últimas décadas, solavanco derivado da revolução técnica que se denominou revolução industrial, também a letalidade de origem bélica aumentou bruscamente. Comparar as baixas provocadas pela guerra dos Cem Anos — embora esta guerra tivesse arrasado cerca de um terço das povoações francesas — com as baixas que se deram na última grande guerra mundial (que "apenas" durou seis anos) é o mesmo que relacionar o número de retratos que pode fazer, num dia, um pintor e os que, no mesmo dia, pode tirar um fotógrafo.

A produtividade humana experimentou, ao longo dos séculos, um constante incremento que foi notavelmente acelerado a partir da revolução industrial.

Sendo costume definir produtividade com o quociente entre o produto nacional e a população, não será de estranhar o aumento relativo (e absoluto) das baixas que ocorrem em operações militares, uma vez que essas baixas... também são um produto do homem...

Dos duzentos milhões de mortos provocados pelas guerras assírias durante cem anos, de acordo com uma estimativa dos próprios assírios aos mesmos duzentos milhões num espaço de seis anos — de 1939 a 1945 — vai a distância que separa o arado de madeira do moderno trator agrícola.

3. A TÉCNICA. O ESPIRITO APLICADO A GUERRA

A guerra é um processo inventado pelo homem que lhe permite resolver determinados conflitos para os quais ainda não encontrou outro processo de solução. Enquanto tal não acontecer, o que tão cedo não se vislumbra, a guerra continuará.

Os resultados obtidos pela investigação moderna provam que a sociedade primitiva era constituída não por "bons selvagens", conforme pensavam Montesquieu e os românticos, mas sim por selvagens que se guerreavam, conforme o "estado natural" admitido por Hobbes no seu Leviatan.

As descobertas arqueológicas mais recentes demonstram que na Pré-história se usavam, como

agora se usam armas ou dispositivos defensivos e armas de ataque; as habitações lacustres, as barricadas com troncos e ramos de árvore, as fortificações "hill fort" são do primeiro tipo; os machados e as massas, do segundo — a perpétua luta entre o projétil e a couraça — a arma de ataque vai-se desenvolvendo pouco e pouco e se, durante muito tempo, predominaram as armas de choque (massas, lanças, piques, espadas, baionetas, etc), as armas de lançamento, cujo ascendente mais primitivo é a pedra, foram-se aperfeiçoando também — a funda, a flecha, o boomerang, etc.

O aparecimento dos metais e dos novos metais, a descoberta da pólvora, com as espingardas, as metralhadoras, os canhões, os misséis, os satélites artificiais; as inovações eletrônicas; a fissão nuclear; o domínio da química e da biologia; puseram à disposição do homem meios poderosos de destruição.

A evolução nos transportes acompanhou de perto, e auxiliou o desenvolvimento guerreiro. "Os povos da Babilônia e da Suméria já dispunham e utilizavam o camelo, o burro e um veículo de rodas, cerca do ano 3000 a.C.". (1) É no entanto com a utilização do cavalo que as operações militares se começam a acelerar.

Embora se tivesse começado a montar a cavalo, segundo parece, por volta do ano 2500 a. C., altura em que este animal começou a ser domesticado, não se ti-

(1) Parkinson — "L'Évolution de la Pensée Politique."

rou imediatamente o máximo rendimento d'êste esplêndido meio de combate. O não conhecimento do estribo impedia a montada do cavalo em combate. A principal utilidade do cavalo andava ligada à sua atrelagem ao carro de guerra, arma que permitiu o estabelecimento da dinastia dos Hycsos no Egito. A invenção do estribo, originária da China, permitiu que o guerreiro montado e armado participasse na batalha e não fôsse somente a ela conduzido, como até então acontecia.

Mais tarde, com a substituição da atrelagem de colar cingindo o pescoço do cavalo — o que quase provocava a asfixia do animal quando êste se esforçava, pois lhe apertava a traquéia — pelo sistema de atrelagem moderna, constituído por um colar rígido apoiado sobre a base óssea das omoplatas, foi possível ultrapassar francamente o pêso máximo de duzentos e cinqüenta quilos (dois guerreiros) permitido pelo primitivo sistema.

As ferraduras deixaram que o cavalo se deslocasse em todos os tipos de terreno. O sistema de emparelhamento de dois ou mais animais, multiplicando o rendimento e dividindo esforços, aumentou ainda mais o poder de reboque dos carros de guerra.

O cavalo ocupou, pois, um lugar de relêvo durante um período largo da história das guerras.

Com o aparecimento do motor, foi destronado o "nobre animal": o automóvel, o "jeep", o carro de combate, o barco e o submarino, os satélites artificiais passaram a ser os cavalos da guerra moderna.

4. O HOMEM — CONDIÇÃO "SINE QUA NON"

Mas o homem — sem o qual não haveria guerra — também tem o seu lugar neste rápido esboço da evolução bélica. Já o teve, na medida em que começou a guerrear, na medida em que pela sua vontade quis lutar, pela sua inteligência inventou e aperfeiçoou os meios com os quais pratica a guerra. Tem-no ainda na medida em que põe tôda a sua capacidade de organização na preparação e conduta das operações militares.

Vão todos ao combate — aqueles que são considerados homens pela tribo — na era primitiva; organizam exércitos pouco numerosos, na antiguidade; constituem uma casta guerreira, na Idade Média; criam os exércitos permanentes, na Época Moderna; colocam as nações em armas, na Era Contemporânea.

Os censos da população fazem-se pela primeira vez no reino de Marl, junto ao Eufrates; constituem a base para a organização das contribuições e impostos públicos e para o recrutamento dos cidadãos para o serviço militar; Moisés utilizou êste processo, depois do êxodo do Egito; os Babilônios, os Assírios, os Romanos e os Estados Modernos copiaram e aperfeiçoaram o modelo.

Das primitivas hordas humanas ao Estado que vive da guerra, passando pela sociedade organizada para a guerra, o gênio humano tudo subscreveu.

O exército que permitiu à Assíria dominar o Sudoeste da Ásia, desde o século XVI ao século VII a. C., tinha por base um corpo

que acreditava na ofensiva como primeiro princípio da guerra. Este exército estava preparado para tôdas as tarefas e encontrava-se organizado em Armas muito semelhantes às dos exércitos modernos: a Cavalaria, com base nos carros de guerra e nos arqueiros montados, couraçados do elmo às botas; a Infantaria constituída pelos hoplitas, armados de lança e escudo, pelos arqueiros ligeiros a pé e pelos peltastas, diferentes dos ropitas quanto à armadura; a Engenharia com material para os cercos (arietes e tôrres rolantes); a Artilharia com baterias de arqueiros.

O seu espírito ofensivo está bem expresso nesta transcrição: "Nenhum dêles se cansará, nenhum vacilará; nenhum será vencido pelo sono; nem a cintura dos seus rins se desapertará. Aquêles que têm as flechas perforantes e os arcos retesados, os cascos dos seus cavalos são tantos como pedras, as suas rodas semelham um furacão. O seu rugido será como o de um leão, bramirão como jovens leões e apoderar-se-ão da presa e levá-la-ão para sempre" (1).

Sob o sistema organizado por Licurgo, ou a êle atribuído, Esparta foi o exemplo mais flagrante da sociedade organizada para a guerra. Desde a mais tenra infância, os jovens Espartanos eram preparados física e espiritualmente para a rude vida de combate. A falange lacedemônica foi a melhor infantaria do mundo helênico.

Como resultado da constante evolução que a arte militar experimentou, a coluna tebana comandada por Epaminondas logrou derrotar a famosa falange, mercê de inovações táticas com as quais se obteve o efeito de surpresa.

A falange macedônica, que permitiu a Alexandre conquistar um grande império, incorporava na infantaria pesada escaramuçadores e falangistas formando uma só unidade de combate.

Mas a evolução militar não pára com os extraordinários êxitos da falange macedônica. A legião romana, durante mais de um milênio, impôs a força de Roma ao mundo conhecido, transformando o Mediterrâneo num lago onde se deslocavam os seus barcos, em consequência da flexibilidade que conseguiu possuir e que foi a verdadeira marca do gênio militar romano.

Andrinopla, início do fim do Império Romano, assistiu ao desbarato da legião levado a efeito pelo lanceiro armado, que se manteve montado no seu cavalo, e tendo o principal papel nos combates, durante muitos séculos — a cavalaria medieval.

Na Baixa Idade Média, com a deterioração do Feudalismo, organizam-se as Milícias comunais, em vez das Milícias feudais, o que é um sintoma de fortalecimento dos poderes centrais, em detrimento da aristocracia, poder mais tarde reforçado com o advento da artilharia piroballística.

No século XVII, Maurício de Nassau e Gustavo Adolfo foram os grandes iniciadores dos exér-

(1) Toynbee — "Guerra e Civilização."

bitos nacionais; aparecem, pela primeira vez, os nomes agora correntes no exército: regimento, batalhão, esquadrão, companhia, coronel, tenente-coronel, major, capitão, tenente, sargento, cabo. (1).

A França Revolucionária passou a marchar à cadência de 120 passos por minuto, enquanto que os seus adversários se mantinham nos 70 passos. Bourcet organizou o exército em divisões, e Guibert, nas vésperas da revolução, introduziu mais esta reforma no exército francês a associar a outras que na altura lhe foram aplicadas.

Napoleão Bonaparte, nas suas campanhas, utilizou-se destas reformas, conseguindo passear-se vitorioso ao longo do velho continente.

Clausewitz estudou a arte da guerra, Lenine revolucionou-a. Mão Tsé Tung desenvolveu-a e aplicou-a.

5. HISTÓRIA DO HOMEM — HISTÓRIA DA GUERRA

Não se pode estudar a evolução da sociedade humana sem que se estude também a história das guerras.

Vico concebia a história dividida em períodos imbuídos de princípios orientadores que se desenrolavam alternadamente em períodos heróicos e clássicos. A diferença entre o heróico e clássico baseia-se na maior ou menor influência que a guerra exerce sobre os povos: assim, nos períodos heróicos, os governos são constituídos por representantes

de uma aristocracia guerreira e a moral fundamenta-se na idéia de coragem e lealdade pessoais; são exemplo desses períodos e era homérica da história grega e a Idade Média europeia. A cada período heróico seguir-se-ia um período clássico em que a moral baseada na paz prevalece sobre a moral baseada na guerra. O ciclo histórico de Vico vai da guerra para a paz e da paz para a guerra impulsionado por princípios orientadores: primeiramente, a força bruta, depois, a força corajosa ou heróica, depois, a justiça corajosa, a seguir, a originalidade brilhante, seguidamente, a reflexão construtiva e, finalmente, uma opolência esbanjadora e ruínosa que destrói o edifício anteriormente construído, dando-se início a novo ciclo.

Para Kant, o motor da história é o que existe de mau na natureza humana: o orgulho, a ambição, a ganância, isto é, muitos dos motivos que dão origem às guerras.

Haerder vê nos conflitos armados o estado normal da relação entre os povos.

Para Fichte, a história desenvolve-se em fases sucessivas — tese, antítese e síntese —, em que a força desempenha o papel de mola real, é a idéia revolucionária.

Hegel considera que a história se desenvolve em espiral, e assinala as guerras como um exemplo, na medida em que elas aparecem de tempos a tempos mas variando umas das outras por aquilo que o homem na sua evolução lhes acrescenta, com base

(1) Parkinsen — Obra citada.

nos ensinamentos colhidos nas guerras anteriores. Declara que a guerra é o ponto culminante da vida do Estado. "A guerra, diz ele, é o estado em que levamos a sério a vaidade) dos bens e coisas temporais... A guerra tem a sua maior significação no fato de que, através dela, a saúde moral dos povos se mantém em sua indiferença com respeito à estabilização das determinações finitas".

Para Marx, a história da humanidade é uma sucessão de guerras originadas na diferente distribuição dos meios de produção.

Danilewsky e, posteriormente, Toynbee, advoga que a guerra é o estertor das civilizações.

Para Erich Fron, a guerra é o cemitério das grandes culturas.

Parece pois que a guerra é, sem qualquer dúvida, um fenómeno de grande importância na evolução das civilizações. Talvez mesmo cada civilização se inicie com guerras do tipo total (a guerra praticada entre os povos mais primitivos) e termine em guerra total (a guerra que nos últimos tempos se vem praticando).

A guerra é comum a todos os povos, a todas as nações, a todos os homens.

"A guerra irmana os povos mais sábios e mais ricos, mais ignorantes e mais pobres na ferocidade." (1)

6. O QUE É A GUERRA?

Mas, afinal, o que é a guerra?

A palavra "guerra", segundo a opinião de muitos autores, tem origem num grito de combate, um som gutural — werra — donde derivam as várias formas da língua latina (português, espanhol, francês e italiano). Do mesmo grito derivam também as palavras alemã — wehr — e inglesa — war.

Um combate entre dois homens não se chama guerra. Para que uma luta mereça o nome de guerra, é necessário que nela se incluam as três condições seguintes: desenvolver-se entre grupos; servir interesses políticos; ser uma forma de combate organizada.

Sendo um fenómeno difícil de definir, dele existem inúmeras definições, mais ou menos completas, mais ou menos sugestivas.

Vejamos algumas delas:

Heráclito — "A guerra é a raiz do mundo". (2)

Von Bernhardi — "A continuação da política normal por outros meios". (3)

Clausewitz — "A guerra é um ato de violência cuja finalidade é obrigar o adversário a proceder de acordo com a nossa vontade". (4)

Von Boguslawsky — "O combate levado a efeito por um determinado grupo de homens, tribos, nações, povos ou estados,

(1) Fidelino de Figueiredo — "Entre Dois Universos".

(2) Citado por Bertrand Russel — "História da Filosofia Ocidental".

(3) Citado por Gaston Bouthoul — "Le Phénomène Guerre".

(4) "Da Guerra".

com um grupo parecido ou igual".(1)

Quincy Wright — "A guerra pode ser considerada como um conflito simultâneo de forças armadas, de sentimentos populares, de culturas nacionais".(2)

Ortega y Gasset — "Um invento dos homens para resolverem determinados conflitos".(3)

Dentro destas definições, a que melhor parece aplicar-se à realidade moderna é a de Quincy Wright, mas não a engloba totalmente, visto que considera como fundamental o empenhamento na luta das forças armadas. Será mais correta a definição de Clausewitz, se considerarmos como ato violento todo aquêle que atue sobre um homem ou grupo humano, física o psicologicamente, obrigando-o, embora muitas vezes sem que êle o pressinta, a tomar determinada atitude.

Talvez a definição inferida da afirmação de Lenine "Se a guerra é a continuação da política por outros meios, a paz também o é, a paz não é outra coisa que a continuação da luta por outros meios. A paz e a guerra não são senão dois aspectos da mesma luta, permanente e necessária". talvez esta definição melhor se adapte ao conceito que o homem de agora tem da guerra.

Ou então, adotemos a definição de Proudhom, que a todos satisfaz:

"Todos possuem dela (da guerra) uma idéia qualquer: uns por

a terem testemunhado, outros por com ela terem mantido relações, um grande número por a ter feito".(4)

7. GUERRA E GUERRAS

Mas a verdade é que existe guerra e existem guerras.

... E em quantas variedades se ouve falar!...

Guerra mecanizada, biológica, química, atômica, psicológica, clássica, convencional, subversiva, civil, internacional, revolucionária, mundial, total, geral, integral, maciça, econômica, relâmpago, fria, quente, imperialista, colonial, popular, pessoal, moderna, racial, contra-revolucionária, local, de trincheiras, de ruas, da selva, de montanhas, de redivisão, de anexação, de classe, de guerrilhas, de pacificação, como engodo, religiosa, accidental, irracional, de cálculo, preventiva, catalítica, de libertação, limitada.

E, possivelmente, tantos outros nomes para o mesmo fenômeno...

Tentemos uma esquematização e procuremos, não uma definição, mas exemplos dos diferentes tipos de guerra acima mencionados.

Numa guerra

- atuam homens, grupos, nações;
- com várias finalidades;
- por vários motivos;
- utilizando diversos tipos de armamento;

(1) "Der Krieg".

(2) "Study of war".

(3) "La Rebellion de las Massas".

(4) "La Guerre et La Paix".

- em diversos locais;
- tendo algumas delas, características específicas;
- obedecendo ou não a certas limitações.

Assim, poderemos introduzir os tipos atrás indicados, dividindo as guerras:

- quanto aos intervenientes,
- quanto aos motivos imediatos,
- quanto aos objetivos,
- quanto aos meios utilizados,
- quanto às zonas em que se desenvolvem,
- quanto às características especiais que apresentam,
- quanto às limitações.

Quanto aos intervenientes:

- Civil,
- Internacional,
- Racial,
- De classes.

Quanto aos motivos imediatos:

- Acidental,
- Irracional,
- De cálculo,
- Preventiva,
- Catalítica.

Quanto aos objetivos:

- Civil,
- Revolucionária,
- Integral,
- Económica,
- Colonial,
- Imperialista,
- De redivisão,
- De anexação,
- De libertação,
- Contra-Revolucionária,
- Religiosa,
- De pacificação.

Quanto aos meios utilizados:

- Fria,
- Quente,
- Clássica,
- Maciça,
- Mecanizada,
- Química,
- Biológica,
- Económica,
- Atómica,
- Psicológica.

Quanto às características especiais que apresentam:

- Relâmpago,
- De trincheiras,
- Total,
- Popular,
- De classe,
- Pessoal,
- Moderna,
- Como engodo,
- De guerrilhas.

Quanto à zona onde se desenrolam:

- Mundial,
- Geral,
- Limitada,
- Local,
- Colonial,
- De ruas,
- Da selva,
- De montanhas.

Quanto às limitações:

- Convencional,
- Subversiva.

Está claro que uma determinada guerra pode ser, normalmente é, incluída nos sete tipos de classificação que acima inserimos.

A guerra de 1914-18 foi fundamentalmente uma guerra internacional, de redivisão, clássica, de trincheiras, local e convencional. E, por vezes, a um conflito pode aplicar-se mais que uma denominação dentro do mesmo cri-

tério de classificação. A guerra de 14-18, além de redivisão, foi econômica e colonial; sendo clássica, foi biológica e química; foi guerra quente; além de local, foi colonial, de ruas, de montanhas e mundial, se considerarmos ter havido guerra nas nações que expediram tropas para os teatros de operações.

A classificação depende ainda do ponto de vista de quem classifica. A guerra da Argélia foi classificada pelos russos como guerra de libertação, e pelos franceses como guerra revolucionária; para os argelinos, era convencional (?), para os franceses, subversiva. A guerra de Quênia foi, para os ingleses, de pacificação, e para os afro-asiáticos, colonial.

8. GUERRA CIVIL

Bem a nossa porta tivemos um exemplo recente de guerra civil — a guerra de Espanha. Civil, quanto aos intervenientes e quanto aos objetivos. Com início num golpe de estado que tinha por finalidade derrubar o governo republicano, rapidamente se transformou num duelo sangrento em que, de um lado e do outro, se combatia com exércitos organizados.

Possuía a característica primordial das guerras civis: o combate de duas facções em luta pelo poder político.

Com o apoio (camuflado ou aberto) de outros países, apresentou-se com as guerras internacionais, transformando-se em guerra revolucionária no momento em que a facção governamental foi dominada pelos comunis-

tas, que procuravam obter uma Espanha "proletária".

É de sobejo conhecida a guerra entre miguelistas e liberais, um exemplo da nossa casa.

A guerra civil americana, embora, quanto aos intervenientes, tivesse sido uma guerra civil, não o foi quanto aos objetivos.

9. GUERRA INTERNACIONAL

Quando os grupos empenhados em luta são nações soberanas, estamos perante uma guerra internacional. Conflitos internacionais são a maioria daqueles a que infelizmente todos nós temos assistido.

Em boa verdade não há nenhuma guerra que não seja internacional; mais cedo ou mais tarde, várias nações vêm a empenhar-se na luta, qualquer que ela seja.

10. GUERRA RACIAL

A guerra racial é um conflito antipático. Atualmente não há ninguém que admita de boa mente que o seu povo faça ou tenha feito uma guerra deste tipo.

Não diremos que a ocupação da América do Norte o tenha sido, mas assemelhou-se-lhe bastante, na maneira como foi levada a cabo.

A guerra do Sinal, entre Arabes e Judeus, também poderá integrar-se, sem repugnância, nesta classificação.

Talvez a articulação de forças no mundo atual nos faça pensar na possibilidade de uma guerra que, sendo geral, será fundamentalmente rálca.

Até agora, os conflitos têm tido por base o equilíbrio europeu de forças. Pode dizer-se mesmo que a guerra fria, embora mundial, ainda procura obter o equilíbrio europeu — da raça branca.

Contudo, os últimos acontecimentos parecem indicar que tende a desaparecer a tentativa do domínio russo que, embora ainda se processe, é menos agressivo do que há uns anos. A êste desgelamento nas relações entre os dois blocos mundiais tem sido dado o nome de coexistência pacífica.

Estamos a referir-nos ao domínio da Rússia como nação europeia, que faz recordar a teoria histórica de Danilewsky que, há quase cem anos, profetizava o aparecimento da civilização eslava como civilização dominante numa Europa dirigida há dois milênios pela civilização científica romano-germânica.

Danilewsky encontra-se possivelmente ultrapassado. Não temerá a própria Rússia essa China imensa que ao seu lado se ergue e que, aliás, pouco ou nada ajudou materialmente a erguer? Essa China que "os herdeiros da dialética grega, da sabedoria romana e da doutrina cristã despertaram do seu sono de séculos".

Não se esboçará, num futuro não muito longínquo, uma aproximação da nação russa, submetida ao regime comunista ou a outro regime qualquer, à Europa, à qual sempre pertenceu, e da qual se encontra afastada há já meio século? Não se unirá a Rússia às nações da sua raça e com a sua cultura?

Não assistiremos, antes de consecução final da harmonia entre

todos os homens, para a qual o exemplo português de entendimento rático deveria ser reconhecido e aproveitado, a uma luta entre o "Norte" branco e o "Sul" não branco? E essa guerra, tendo na base motivos económicos, será antes ou depois das sociedades do "Sul" atingirem o nível industrial das sociedades do "Norte"?

François Perroux em "L'Économie des Jeunes Nations" define precisamente a linha de separação entre êsse "Norte industrializado" e êsse "Sul pouco industrializado": segue a fronteira Sul dos Estados Unidos, passa ao Sul da França e da região industrial da Itália, atravessa os Balcãs, o mar Cáspio e o mar Negro, seguindo ao longo da fronteira entre a Rússia e a China. Ao "Norte", talvez se liguem a América Latina, uma ou outra ilhota em plena África (África do Sul, Angola, Moçambique, Rodésia, etc.), e a Austrália.

Rostow, no seu "A Non Communist Manifesto — The Stages of Economic Growth —", quando analisa as etapas do desenvolvimento económico e o problema da paz, refere a necessidade de união entre a Rússia, os Estados Unidos e a Europa, com vista a prever a possibilidade de um formidável embate, a verdadeira "grande guerra". São dêle as seguintes palavras, com as quais termina o capítulo em causa: "Ademais, há muito da História que fica para além do divisor de águas que todos estamos a procurar atingir. Por exemplo, para citar duas grandes questões, que ultrapassam o contróle de armamentos, certamente haverá o

problema das relações entre o Norte e o Sul, sob o aspecto global, quando tôdas as sociedades estiverem modernizadas, e que sob muitos pontos de vista é um problema racial, assim como haverá o problema nada simples de manter um sistema de controle de armas por um longo período, uma vez estabelecido".

11. GUERRA DE CLASSES

Sob o ponto de vista dos intervenientes numa guerra, aparecem-nos a denominação "guerra de classe". Uma designação semelhante se encontra quando classificamos os conflitos quanto às características especiais que apresentam — "guerra de classe". Um simples "s" altera profundamente o significado do título. Veremos adiante que uma guerra de classes é sempre uma guerra de classe, mas que o inverso não apresenta a mesma força, isto é, uma guerra de classe pode ser ou não ser uma guerra de classes.

A guerra, ou luta de classes, é o motor da história, segundo Marx. Para Marx, em cada momento da humanidade e antes desta alcançar a fase de comunismo integral em que o homem perde tôdas as alienações e se torna a si próprio o homem completo, existe uma guerra, surda ou declarada — a luta de classes.

Esta luta representa o próprio devir histórico, segundo Marx, pois que este filósofo alemão, fundamentando-se nas idéias de alguns filósofos anteriores (Hegel, Fichte, Feuerbach e Haerder, entre outros) reunindo-as e

explorando-as, construiu uma doutrina total que pretendeu ser, não só a explicação do homem, mas também a sua transformação — materialismo dialético.

Transportando o materialismo dialético para a história, Marx entende que, tal como a dialética do homem com a natureza se apresenta sob o aspecto do trabalho (luta entre o homem e a natureza, da qual faz parte), a dialética do homem com o homem traduz-se no modo como eles se defrontam na sociedade.

Em determinada época histórica, existem duas classes na sociedade, uma dominante, outra dominada — a tese e o seu contrário —. Do choque entre estas duas classes, inevitável para Marx, nascerá um estágio mais avançado da história, com outra classe dominante — a síntese do movimento anterior —. Esta classe dominante criará, pela sua própria natureza de dominante, uma classe dominada com a qual chocará, e assim por diante.

Senhores — escravos; nobres — servos; burgueses — proletários.

Para que a história marche em frente é pois absolutamente indispensável, no parecer de Marx, que as classes lutem. Como será conveniente alcançar o mais rapidamente possível o último estágio, aquêle que (paradoxalmente) não criará qualquer antítese — o comunismo integral —, se a luta não se processar naturalmente, torna-se necessário forçar a sua deflagração.

A guerra de classes seria assim, não só constante e própria da humanidade, mas também desejável.

12. SEGURANÇA PELA INIBIÇÃO

Herman Kahn analisa, nas suas obras, os motivos que poderão levar a rebentar uma guerra nuclear.⁽¹⁾ Estes motivos imediatos poder-se-ão aplicar ao início de qualquer tipo de guerra, desde que nós partamos da hipótese de que ambos os partidos estão mentalmente adaptados para não abdicar da sua vontade. Aliás, somente nestas condições haverá guerra, pois que, se um dos partidos cumpre de início aquilo que o outro lhe impõe, a luta sangrenta não chega a deflagrar.

Baseando-se na afirmação tantas vezes confirmada "se queres a paz prepara-te para a guerra", as nações armam-se, organizam as suas forças armadas, ligam-se por alianças militares, formam blocos que se enfrentam de armas aperradas e dedos próximo do gatilho. A esta paz armada, ou guerra fria, convencionou-se dar o nome de "segurança pela inibição". Segurança, dado que ambos os partidos e a paz (?) se consideram seguros; pela inibição, dado que os partidos ou blocos contrários se inibem de lançar mão das armas, em virtude da força que uns e outros possuem.

Mas esta segurança pela inibição pode, de um momento para o outro, desmoronar-se e iniciar-se uma guerra. O resultado será, conforme os casos, uma guerra accidental, de cálculo, irracional, preventiva ou catalítica.

Existe um romance de ficção — "O Ponto Limite" — que descreve uma das maneiras como poderia estalar uma guerra accidental: uns tantos meteoritos provocam ecos nos radares de longo alcance dos E.U.A. que fazem pensar num ataque por parte da Rússia; os bombardeiros estratégicos levantam — objetivo URSS; deficiência técnica impedem que os aviões regressem à base, depois de ter sido desfeito o engano — começa a guerra.

Aquilo que nos parece tão natural do domínio da ficção não o é menos no domínio da realidade. A medida que as armas se vão tornando mais mortíferas, o perigo de uma guerra accidental aumenta. Se o disparo fortuito de uma espingarda ou de um morteiro provoca um incidente de fronteira que será facilmente regulado numa reunião posterior, o disparo atômico, mesmo que accidental, não permitirá uma solução à mesa-redonda, antes que muito sangue corra.

A guerra irracional é aquela a que uma política racional, mas teórica, normalmente conduz. Acêrca de uma determinada questão, uma nação toma uma decisão e sobre ela mantém-se firme; outra nação que sobre o assunto tem interesses diferentes da primeira, perante a decisão daquela, recua. Pode, no entanto, dar-se o caso de não recuar... será a guerra.

No caso de Cuba, a Rússia recuou. A decisão racional dos E.U.A. surtiu o efeito desejado.

(1) "Report on a Study of Military Defense", "Daedalus", "On Thermonuclear war".

Se a Rússia, ciosa do seu prestígio, não tivesse recuado, teria sido a guerra. "A racionalidade da guerra irracional corresponde a uma situação na qual nenhum dos lados realmente acredita valer a pena ir à guerra por determinada questão, mas ambos os lados desejam usar uma estratégia parcial ou total de ameaça, para forçar o outro lado a recuar. O resultado pode ser uma guerra que nenhum dos dois desejava, se ambos os lados tivessem compreendido em tempo que o outro não recusaria, mesmo sobre pressão".(1)

Quando uma nação, para alcançar determinados objetivos, necessita de impor a sua vontade a outra nação, poderá fazer um cálculo das suas possibilidades numa guerra. Se chega à conclusão que o seu potencial de guerra é superior ao do adversário, irá para a frente, indiferente às consequências da luta, aproveitando a ocasião favorável que se lhe proporciona. A guerra é então uma guerra de cálculo.

Este tipo de conflito poderá ainda ter origem quando, no decorrer de uma guerra limitada, um dos adversários ultrapassa os limites que o outro, ou outras nações, consideram como inultrapassáveis. A não autorização do governo americano dos bombardeamentos para além do rio Yalou na guerra da Coreia é um cálculo que impede a guerra; o

bombardeamento do Vietnã do Norte na guerra do Vietnã foi um cálculo bem feito, mas poderá haver também cálculos errados...

Quando uma nação considera que uma outra se está a preparar para lhe fazer a guerra e a inicia, aproveitando condições que julga favoráveis, está a fazer uma guerra preventiva ou preventiva. Este conflito pode também ter origem num erro de cálculo, cabendo portanto no tipo anteriormente analisado, quando o contendor que inicia a guerra se convence que o outro se está a preparar e tal não é verdade, não passando de uma ameaça — arma muito usada nas atuais relações internacionais.

Herman Kahn considera ainda uma outra possibilidade de se iniciar uma guerra, em especial uma guerra nuclear. É o caso de uma terceira nação, ambiciosa ou desesperada, conseguir lançar na guerra duas outras mais poderosas e importantes, possuidoras de meios de combate demolidores. A uma guerra assim iniciada chama Kahn uma guerra catalítica. Esta terceira nação funciona pois como um agente catalizador da guerra. Ela dar-se-á, mais cedo ou mais tarde, mas a sua intervenção precipita os acontecimentos e provoca o seu início, muitas vezes extemporâneo para ambos os adversários.

(Continua no n.º 631)

(1) "Daedalus".